

# **O CANTO DO BEM-TE-VI**

Antonio de Medeiros

Uma música natalina instrumental facilmente identificada. (Provavelmente, "We wish you a Merry Christmas.") Ela deve lembrar o som de uma caixinha de música.

Quando a cortina se abre, um foco de luz ilumina uma árvore de Natal com os pisca-piscas ligados. Todo o restante da sala está na penumbra. Consegue-se ver no balcão da cozinha americana um bolo coberto com um pano de prato. Esse bolo, esquecido ali há uma semana, está cheio de formigas.

A luz é acesa. Raquel está em frente à porta com uma mala de rodinhas. A música para. Ela se dirige ao público.

## **CENA I**

### **RAQUEL:**

Hoje, a mãe morreu. O acidente foi no dia 24 de dezembro, o velório na noite de Natal e o enterro no dia seguinte. Cada evento ocorreu em um dia diferente. Mas na minha cabeça parece que o tempo parou quando me falaram do acidente. E os dias seguintes foram o mesmo dia repetido. Por mais que eu dormisse, sempre acordava no mesmo dia. No dia em que a minha mãe morreu.

Eu não saberia contar como foi cada um desses dias. Eu estava dopada, mas não de calmante. Não quis tomar o comprimido que a tia me ofereceu diversas vezes. O ineditismo da situação me dopara e eu assistia a tudo como a um filme muito ruim que eu torcia para que acabasse logo.

Eu me lembro do antes da notícia. Eu sei exatamente onde eu estava e com quem. Eu me lembro do dia anterior. Eu passei a madrugada na ilha de edição discutindo com o montador se uma cena devia ser cortada ou não. Mas eu não me lembro do durante. O pouco que eu me lembro vem em flashes que aparecem por segundos e se apagam, aparecem e se apagam. Eles não ficam na retina.

Talvez isso seja alguma espécie de proteção da minha mente. Os psicólogos chamam isso de memória seletiva. Minha memória editou essa parte. Uma montagem contemporânea em que as cenas que se seguem não fazem sentido. Entre elas há uma tela cinza. São as cenas deletadas, cenas perdidas, que jamais poderão ser reconstituídas. Não adianta eu conversar com minha irmã ou com a tia sobre como foram esses dias, a memória delas não encaixa na minha, não cobre o slide do meu filme.

Eu custo a aceitar o que não posso lembrar. Eu entendi que tem coisas que eu não posso mudar. Fatos que parecem erro de continuação. Deus é um roteirista muito amador. Nada faz sentido. E não acreditar passa a ser apenas uma forma de não entender. Vem

antes do não aceitar, da sensação que algo dentro de você foi rasgado.

A verdade é que você implora para saber e ao mesmo tempo não acredita ser verdade o que contam. Deve ter algo errado. Teve ter algum engano. Tem certeza que foi ela?

Todo fim de ano centenas de pessoas morrem nas estradas. Acidentes acontecem é o que dizem. Mas em nenhum deles está a sua mãe. Ela não pode está em um carro que capota, capota, capota, capota no ar. Sua mãe não pode ser um corpo ensanguentado deitado no asfalto frio de uma autoestrada no interior do Ceará.

A realidade é de um amadorismo, de uma crueza com seus atores, de uma brutalidade que eu preciso imaginar um vela acesa ao seu lado. Eu preciso de alguém que grite por socorro. Preciso de explosões. Preciso segurar sua mão e dizer que tudo vai ficar bem e que não foi grave. Preciso saber se você ainda me escuta. Neurocientistas falam da superficialização do nível da consciência, que na vítima de um acidente um dos últimos sentidos a parar de funcionar é a audição, por isso a cena de morte tão clichê em que se grita para quem está morrendo. E a pessoa tem a chance de dizer as suas últimas palavras. Eu não sei quais foram as últimas palavras dela. Não sei se passou um filme na sua cabeça. Outro clichê que nos contam. Às vezes, somente os clichês preenchem o vazio.

Tudo o que eu nunca saberei, eu invento. É como eu ganho a vida. Inventando histórias ou dirigindo a dos outros. Faço delas a matéria prima dos meus filmes. Elas tem que captar a atenção da plateia desde o início, mantê-la, tem que ter um climax revelador e um desfecho que compense ter assistido a tudo.

No caminho de volta pro Rio, pela primeira vez, eu reparei numas cruces na beira da estrada. Algumas delas têm umas capelinhas brancas por cima, ou flores, imagens de santos ou do falecido. De carro se passa tão rápido que quase não se nota. São discretas, singelas, ficam no nível do chão, a maioria, apenas uma placa, um nome, duas datas, uma estrela e uma cruz. Alguém morreu naquele trecho e alguém que ficou, na certidão de óbito diz, deixou duas filhas. Os que foram deixados fazem essa espécie de homenagem e aviso aos vivos: se morre entre um abrir e fechar de olhos.

Isso aqui é apenas uma cruz solitária numa autoestrada no meio do nada indo para lugar nenhum.

**Blecaute.**

**Apenas a árvore acesa.**

## CENA II

Um foco de luz no bolo e em Bárbara que o está segurando. Ela retira devagar o pano de prato de cima com medo como quem descobre um corpo no IML e constata que ele está cheio de formigas. Faz o movimento de jogá-lo fora, para, olha para o bolo para a lixeira e o devolve à bancada. Tenta tirar as formigas com a mão. São muitas. Não consegue. Tenta com a faca. Corta uma fatia. Retira uma por uma as formigas desse pedaço e o engole de olhos fechados. Repete essa mesma ação até começar a chorar compulsivamente.

### **BÁRBARA:**

Fui ao centro espírita hoje. Pedi para o médium chamar a minha mãe que eu tava com muita saudade, que eu tinha muita coisa para contar, que eu precisava saber como ela tava, saber por que que ela não me aparecia mais nos sonhos. Fiquei horas esperando a sessão começar e quando, finalmente, pude falar com o médium ele me disse que não era bem assim que funcionava, não era como um telefonema, ainda mais no caso da mãe.

Disse que acidentes deixam o espírito muito confuso. Eu praticamente implorei para ele tentar psicografar alguma coisa, qualquer frase, um recado que fosse. Era só para saber se ela tá bem, se chegou direitinho, pra avisar que a gente tá com saudade. Muita.

O senhor não tá entendendo. Tenho certeza que a minha mãe está querendo muito falar comigo agora! Semana que vem o senhor acha que já vai ter sinal? Não tem como garantir. Sim, tá certo. Bom não tá. O senhor me desculpe, estou muito nervosa. Eu volto sim.

Minha mãe, do jeito que era, deve estar ansiosa para saber como a gente tá, se a gente tá fazendo tudo direitinho, se estamos brigando, “menos do que o normal, mãe”, se estamos comendo direito, “eu faço a comida, a Raquel às vezes come.”, a mãe não vai descansar em paz enquanto a gente não conversar, nem eu.

Mas ela não deve está se sentindo sozinha lá. Conversava com todo o mundo na rua. Rapidinho fazia amizade. Ela sempre foi muito esperta. Quando teve que ir para emergência de um hospital público, gritou e fez um escândalo maior do que a dor que sentia, tudo para se atendida depressa.

E o jeito como ela fingia não estar interessada no produto da loja e ao não conseguir o desconto que queria, fingia que ia embora, na metade do caminho o vendedor já estava atrás dela. Minha mãe era atriz e não sabia.

No último sonho foi tão confuso, estava eu e ela de frente à praia sentadas naqueles bancos de concreto e começa a chover e eu me levantei pra ir embora. Ela continuava sentada vendo o mar, a chuva

aumentava, mãe vamos embora!, “Filha, o que tem além da linha do horizonte?” Mais água, vamos embora. Você vai pegar uma pneumonia. Ela ria, achou engraçado a palavra pneumonia.

Eu não sei o que tem depois, eu não acredito em nada e acredito em tudo. Eu pedi apenas um milagre e Deus não fez.

**Blecaute.**

**Um resto de bolo.**

### **Cena III**

A árvore de Natal está acesa. Muitas caixas espalhadas pelo apartamento. Bárbara está dobrando uma roupas e as separando para doação. Raquel chega do trabalho.

**RAQUEL:** Rio de Janeiro com cinco minutinhos de chuva fica tudo alagado, trânsito mega engarrafado. Sabe o que mais incomoda nisso tudo? Esse maldito sutiã! (Retira o sutiã)

**BÁRBARA:** Trouxe o que eu te pedi?

**RAQUEL:** Toma. (Passa dois rolos de fita isolante.)

**BÁRBARA:** Você demorou tanto que já adiantei todas as roupas do armário.

**RAQUEL:** Deu tudo isso de caixa?

**BÁRBARA:** Nem imaginava que ela tinha tanta roupa. Os cupins não estragaram nada. Ainda bem.

**RAQUEL :** De sapatos quantas caixas?

**BÁRBARA:** Três.

**RAQUEL:** Mamãe era viciada em sapato! Estranho ver esse armário vazio. Essa sacola aqui é o quê?

**BÁRBARA:** Eu separei algumas peças pra mim.

**RAQUEL:** Esse não foi o combinado.

**BÁRBARA:** Eu sei, mas algumas coisas eu ainda não estou pronta para me desfazer. Esse casaco, por exemplo, era muito a cara dela e esse vestido foi encomendado para usar na minha festa de formatura.

**RAQUEL:** Nem adianta que não serve em você. Para que guardar?

**BÁRBARA:** Eu posso emagrecer e usá-lo um dia.

**RAQUEL:** Um dia, e se esse dia chegar, o vestido já foi comido pelas traças. Melhor doar tudo. Mesmo que coubesse em você iria ser muito estranho ver você com uma roupa dela.

**BÁRBARA:** Estranho, por quê? Você vivia usando as roupas dela, às vezes, até antes dela estrear. Esse vestido longo, eu disse para ela não te mostrar, que você iria querer usar, e foi dito e feito. Você não sossegou enquanto ela não te emprestou.

**RAQUEL:** Uma coisa é usar a roupa da pessoa enquanto ela está viva. Eu tive a sorte da gente vestir o mesmo número. Ela gostava de me ver usando as roupas dela.

**BÁRBARA:** Ela apenas não sabia dizer não pra gente. Era isso. E o trabalho que eu tive hoje, sozinha. Mereço ficar com algo. Nem que seja como recordação. Chorei pra cacete. Não devia ter feito isso sozinha. Essa blusa ainda tem o cheirinho dela. Sente?

**RAQUEL:** Não.

**BÁRBARA:** Fiquei agarrada a esse pedaço de pano uma hora. Sente?

**RAQUEL:** Já disse que não!

**BÁRBARA:** Parece até que não quer se lembrar dela. Você nem fala mais dela.

**RAQUEL:** Você sabe que não é isso. E a árvore?

**BÁRBARA:** Que tem?

**RAQUEL:** Vai ficar aí na sala?

**BÁRBARA:** Tá te incomodando?

**RAQUEL:** Não é que esteja me incomodando, mas estamos em março. Isso já era para ter sido desmontado no ano passado.

**BÁRBARA:** A árvore é para ser desmontada dia 06 de janeiro. Dia dos Reis Magos, conforme a tradição. Se você tivesse ajudado algum vez a desmontar, você saberia.

**RAQUEL:** Que mané tradição! Desmonta isso e joga fora.

**BÁRBARA:** Joga fora, nada! Fiquei o dia inteiro ocupada com as roupas. Desmonta você então, ué.

**RAQUEL:** Tá. (Raquel fica olhando a árvore. Quando se levanta, Bárbara olha assustada como se sua irmã fosse destruir um obra de arte sacra. Ela fica tens. Raquel aproxima a mão do anjo perneta do topo, mas desiste.) Vou deixa ela num cantinho, então.

**BÁRBARA:** Se eu desmontar essa árvore eu nunca mais vou montar uma em toda a minha vida. Todo o ano era ela que desmontava no dia dos Reis, reclamando que ninguém queria ajudar a guardar tudo. Eu, pelo menos, ajudava a montar e a comprar as coisas na Uruguaiana. Ela colocava tanto enfeite, aqueles festões prateados e dourados que ficava um verdadeiro Carnaval. Lembrei agora daquele Natal, a mãe e a tia estavam estressadas, o dia inteiro fazendo comida, quase hora da ceia, o pai sumiu, sem dizer para onde ia, quase meia-noite, a mesa posta, quando ele chega com mais uns quinze homens, acho que ele chamou todo o mundo do bar para cear lá em casa.

**BÁRBARA:** A tia ainda conseguiu fazer um pratinho e levar o tio pro quarto. Eles morriam de medo quando o pai ficava na rua bebendo. Medo de ele chegar em casa quebrando as coisas.

**RAQUEL:** Um bando de bebuns esfomeados. Parecia uma praga do Egito, os gafanhotos, ele devoraram em minutos a ceia que levou o dia inteiro pra ficar pronta. Do peru, ficaram só os ossos.

**BÁRBARA:** A gente praticamente não comeu nada. O pai disse que esse era o verdadeiro espírito natalino.

**RAQUEL:** O espírito da cachaça, né? Aquele Natal deu tudo errado. Lembra o amigo-oculto? Se tem um coisa que causa discórdia é amigo oculto. Sempre tem alguém que se sente injustiçado com o presente recebido.

**BÁRBARA:** Você tirou a tia.

**RAQUEL:** Foi. Eu tinha bebido. Eu não posso beber vinho.

**BÁRBARA:** Você disse que tinha um presente que era a cara dela, lembra?

**RAQUEL:** Foi, mas eu achei que ela fosse gostar, não foi de sacanagem, JURO! Era uma gracinha aquela sapa de batom. Todo mundo riu. Até o pai achou hilário.

**BÁRBARA:** O pai já tinha voltado pro bar a essa hora. Estranho nas minhas lembranças o nosso pai tá sempre no bar.

**RAQUEL:** Foi mesmo, foi o tio que riu e a tia ficou muito puta. E teve mais. Teve/

**BÁRBARA:** A tia tirou a mãe e deu para ela um treco de vidro, que assim que a mãe abriu, a gente falou que era um pote para colocar doce. A tia ficou furiosa porque aquilo era um porta-joias de cristal. Gente, aquele Natal deu tudo errado e mesmo assim foi um dos melhores.

**RAQUEL:** É por que foi o último em que todo mundo ainda tava junto.

**BÁRBARA:** E por falar em tia, ela ligou hoje.

**RAQUEL:** Alguma novidade?

**BÁRBARA:** Sim, uma imensa.

**RAQUEL:** Fala o que é?

**BÁRBARA:** Ela disse que vai passar uns tempos aqui com a gente.

**RAQUEL:** Puta que pariu, Bárbara! E você concordou com isso?

**BÁRBARA:** Nem deu tempo de dizer nada. Eu fui dizer que não precisava, mas ela já tinha comprado as passagens. Disse que vem ajudar a gente com as coisas.

**RAQUEL:** Você tinha que ter sido mais direta! Não é dizer que não precisava, porque não disse/

**BÁRBARA:** Que eu não queria?

**RAQUEL:** Mentia, inventava uma desculpa.

**BÁRBARA:** Não deu tempo. Ela me pegou desprevenida.

**RAQUEL:** Ela chega quando?



**BÁRBARA:** Semana que vem, pro seu aniversário.

**RAQUEL:** Semana que vou viajar, você vai ver.

**BÁRBARA:** Pode ir, só não se esqueça de ir buscá-la no aeroporto. Ela me pediu para te deixar avisada.

**RAQUEL:** Você sabe muito bem que pra mim só tem um momento bom de receber visita: é quando ela vai embora.

## Cena IV

**BÁRBARA:** Tem tantas coisas que eu queria esquecer e outras eu sinto que estão indo embora rápido demais. Por mais que eu tente retê-las ela vão sumindo, vão para longe de mim, se afastam a cada dia. A voz da minha mãe, por exemplo, se eu fecho os olhos eu ainda consigo ouvi-la, mas fica distante como uma ligação para um país longínquo. Tenho medo de acontecer o mesmo com o rosto e ficar dependente das fotos, das fotos que eu tenho evitado ver nesses últimos meses.

As fotos são nossas tentativas frustradas de agarrar o tempo, de fixá-lo num porta-retrato. De guardar para sempre uma memória. Por isso, fiquei muito abalada quando meu computador começou a dar problema. Hoje em dia, a gente dificilmente revela as fotos. Elas ficam salvas numa pasta, aparentemente salvas.

Tive que formatar o computador e salvei as fotos e o último vídeo da minha mãe, dias antes do acidente, ela montando a árvore, brincando com o sino. Raquel sentada concentrada terminando a monografia e eu e mamãe rindo e cantando alguma música natalina. Nem sei por que, mas peguei o celular e comecei a gravar, queria registrar a alegria da minha mãe. No dia anterior, ela estava cabisbaixa, ela tinha disso, sentia uma tristeza dias antes do Natal. Eu só fui entendê-la depois.

Sabe aquele momento em que a gente contabiliza as perdas? Até aquela data eu tinha experimentado somente a parte festiva do Natal.

Levei o pen drive para o trabalho. Tive muito cuidado com ele. Naquele pedacinho de tecnologia estavam armazenadas todas as minhas fotos, meus textos, meus vídeos, todo um valor sentimental que dizia: Bárbara você viveu tudo isto, esta é você, olha, são partes de suas história esses momentos, estão a salvo da destruição do tempo.

Quando inseri o pen drive, o computador não o reconheceu, o mesmo aconteceu ao testar em quase todos os outros computadores do escritório. eu salvei tudo ali, algum vírus tinha apagado todos os dados.

Desespero.

Minhas memórias não tinham materialidade alguma, não eram 01010101 da linguagem da informática, não viraram fumaça, não foram estragadas por uma inundação, destruídas, rasgadas, queimadas, sumiram, como se nunca tivessem existido.

Como eu não fiz um backup? Como se esquecer de um cópia de segurança! Segurança, como não usou o cinto? Por que se arriscou a perder tudo? Nuvem, eu podia ter salvo na nuvem. Eu podia ter salvo? Eu sempre falei para tomar cuidado, para evitar a estrada de madrugada. Ela disse que o céu estava sem nuvens apenas uma lua cheia. “Olha a lua como tá linda, filha. Você tá olhando?” Eu de frente para a tela do computador. Sim, tô. Tá linda. Vou ter que desligar, mãe. Beijo. O que ela disse por último? Fica com Deus, beijo, tchau, descansa, quando chegar eu ligo? Não, ela disse “Vai dormir, filha, são duas horas da manhã você troca o dia pela noite”.

Madrugada tentando resgatar algum arquivo. Existe um programa que recupera alguns dados apagados, segundo o site, mesmo quando um pen drive é formatado, alguns arquivos ainda sobrevivem, ficam numa espécie de limbo, escondidos em um inconsciente cibernético, atrás da memória, e só serão definitivamente apagados se algo novo for salvo em cima, como se fosse um pergaminho palimpsesto, uma escrita em cima da escrita.

Eu sei que preciso deletar algumas coisas. Também sei que vou morrer, mas essa é uma verdade que fica escondida, que a gente disfarça, ignora, adia, até que ela aparece de surpresa, a mais indesejada das visitas.

Eu aceitei perder todas as fotos, dos aniversários, de gente que nunca mais vi, das viagens que fiz e até os textos que escrevi, mas perder o último vídeo da minha mãe, eu não aceitava.

Amanhã teria que levantar cedo, o programa de recuperação de arquivos leva horas para escanear, uma hora para passar de 89% para 90% da área analisada. Testa colada na mesa, resquício de fé de alguém que nunca mais rezou, mas que apela a Deus por um milagre. Muito sono, apenas um cochilo enquanto o sistema termina de escanear.

Abro os olhos, o sistema acabou a recuperação. Duas histórias salvas, 9 fotos e o vídeo da mãe montando a árvore de Natal. Milagres, às vezes, acontecem.

## Cena V

Bárbara está terminando de preparar o almoço para receber a tia. Barulho de alguém se aproximando, chave na porta.

**BÁRBARA:** Por que que sempre que alguém chega eu penso que pode ser a mãe? Como se a possibilidade de um engano ainda existisse.

Entram RAQUEL e Tia RITA. A tia é uma senhora beirando os 60, que se veste com roupas com brilho.

**BÁRBARA:** Oi, tia! A senhora fez um bom voo?

**TIA RITA:** Passei mal o voo inteiro. Eu tomo Marivan você sabe. Foi um sacrifício. Mas estou aqui. Que tragédia, meu Deus! Quando a gente menos espera é que as coisas acontecem.

**RAQUEL:** Vou deixar sua mala no quarto, tá?

**TIA RITA:** Tá bom. Eu trouxe umas coisas para vocês, doces na lata, um queijo e uns panos de prato, depois entrego. A casa tá arrumadinha. A árvore ainda está aí. Por que não guardaram?

**RAQUEL:** Esquecemos e....

**BÁRBARA:** Acabou ficando aí. Quer água?

**TIA RITA:** Sim, misturada. Tenho que tomar o remédio. Quase chegando me atacou a labirintite e saí do avião me agarrando nas poltronas e até nas pessoas. Devem ter achado que eu tava bêbada, ou pior, drogada. Só foi passar no carro. Como vocês estão se virando?

**RAQUEL:** Tá tudo indo bem.

**TIA RITA:** Deram entrada no seguro?

**BÁRBARA:** Já conseguimos toda a documentação. Falta só preencher uns campos do formulário. Os dados do motorista. A senhora conhecia ele?

**TIA RITA:** Sim, os dois. O que dirigia era amigo do seu pai e o do carona um amigo em comum. Estranho sua mãe nunca gostou do Alcino. A intuição dela nunca errou.

**RAQUEL:** A sorte deles foi estarem de cinto. Como é que pode uma estrada tão mal iluminada e cheia de buracos.

**TIA RITA:** Buracos? Como buracos se a estrada é nova?

**BÁRBARA:** Foi o que ele falou, que passou por um buraco em alta velocidade e que isso causou o acidente.

**TIA RITA:** Ninguém te contou?

**BÁRBARA:** O quê? Tô ficando nervosa.

**RAQUEL:** Para quê repisar esse assunto? Já acabou. Não quero mais falar disso.

**TIA RITA:** Não foi bem assim que aconteceu.

**BÁRBARA:** E não foi isso? Foi o quê? Pode falar, o que vier eu aguento.

**RAQUEL:** Não quero saber mais. Ela não precisa saber mais. Ninguém precisa saber mais. Tia, esquece. Não piora tudo.

**BÁRBARA:** O que foi? O que estão escondendo? Eu tenho o direito de saber também. Não quero que escondam nada de mim. Fala, tia.

**TIA RITA:** A verdade tem que ser dita.

**RAQUEL:** (grita) Chega! A gente tava bem até você chegar.

**TIA RITA:** Credo, Raquel. Mania de gritar. Não sou a sua mãe pra aguentar seus gritos. Não falo mais nada.

**BÁRBARA:** Fala, por favor.

**RAQUEL:** Se você falar, eu vou embora.

**BÁRBARA:** Pode ir, você tá muito estranha hoje.

**TIA RITA:** Preciso falar. Se sua irmã, ficar quieta. Alcino estava virado de uma vaquejada e avó de vocês tinha pedido esse favor pra ele, pra mãe de vocês não precisar passar a madrugada no aeroporto esperando o transporte para o interior. Não foi buraco coisa nenhuma. Ele dormiu no volante. Foi isso que aconteceu e quem contou foi o amigo dele que acordou um pouco antes. Sua mãe tava dormindo também. Esse homem é um criminoso. Ele matou sua mãe.

## Cena VI

**BÁRBARA:** A tia mudou o sofá de lugar e geladeira e até os pratos. Não sei mais onde estão os talheres na minha própria casa.

**RAQUEL:** Agora aguenta.

**BÁRBARA:** Ela disse que vai nos ajudar com a árvore.

**RAQUEL:** Eu não prometi nada.

**BÁRBARA:** Parece até que temos uma árvore gigante na sala que precisa se podada e precisamos chamar alguém para fazer o serviço. Esse não era o combinado. Falta de comprometimento. A gente combinou uma coisa. Não adianta, eu desisto de discutir com você. Você nunca reconhece o seu erro. Seu único objetivo é ganhar a discussão. Como se houvesse um lado ganhador e um perdedor. Você é uma egoísta. É isso. Só pensa em você.

**RAQUEL:** Ah, vai à merda, Bárbara. Não vou falar mais nada. (Consegue ficar calada alguns segundos.) Só vou dizer uma coisa: um dia cada uma de nós vai ter a sua casa e isso que é a nossa vida juntas vai ser apenas uma lembrança.

**BÁRBARA:** Mesmo morando em casas separadas a gente vai continuar juntas.

**RAQUEL:** Nunca mais vai ser a mesma coisa. Você vai ter o seu marido, os filhos, vai ser tudo diferente. Vai ser bom, porque eu finalmente vou poder ficar sozinha.

**BÁRBARA:** Você está exagerando. A gente vai visitar uma a casa da outra.

**RAQUEL:** Não sei se vou querer visitas.

**BÁRBARA:** Nem as minhas.

**RAQUEL:** De ninguém.

Silêncio.

**RAQUEL:** A gente briga, mas você sabe que eu te amo.

**BÁRBARA:** Você tem um jeito muito particular de demonstrar isso.

Novo silêncio.

**BÁRBARA:** Qual o problema da tia ajudar com a árvore?

**RAQUEL:** Nenhum. Mas o informativo do falecimento no elevador quem fez fui eu.

**BÁRBARA:** Você sempre foi melhor com as palavras.

**RAQUEL:** Foi a pior coisa que eu já tive que escrever na minha vida. Você não tem ideia. Nunca mais consegui escrever uma palavra.

**BÁRBARA:** Isso porque não foi você que teve que reconhecer o corpo no IML. Não é você que tem colado a sua retina a imagem da sua mãe nua dentro de uma gaveta. Sou eu!

**RAQUEL:** Eu tava dopada, eu não iria conseguir, eu só queria que tudo acabasse.

**BÁRBARA:** Só vai acabar quando a gente conseguir desmontar isso. Não consigo sozinha, nem acho que a tia é a pessoa certa. Me ajuda, vamos fazer isso logo. Antes que a tia volte. Eu começo veja, um enfeite a menos.

**RAQUEL:** (hesita) Eu vou tirar esses festões. Isso é muito brega.

**BÁRBARA:** Tira a estrela do topo.

**RAQUEL:** Tenho medo de quebrar. Esses enfeites são tão delicados.

**BÁRBARA:** Esse anjO tá com um lado da asa quebrado. Adivinha quem quebrou?

**RAQUEL:** Mas até que ele ficou bem assim. Virou o menino Jesus.

**REGINA:** Que ideia! O menino Jesus fica numa manjedoura. Você não entende nada de enfeites natalinos! Não falta muito. O pisca-pisca tá todo enrolado. A mãe não devia ter comprado o mais barato. Não vale nada esse cacete.

**RAQUEL:** Falta só o sininho.

**BÁRBARA:** Esse sininho ela adorava.

(Balança o sino. O canto de um bem-te-vi vem da varanda. As duas se olham assustadas e ficam em silêncio.)

Um voz vindo do fundo da memória:

“Babinha, tá escutando isso? Vem aqui na janela da sala. Rápido, antes que ele voe. Tem um bem-te-vi cantando na varanda: bem-te-vi!, bem-te-vi!, bem-te-vi!. Não é engraçado um bicho que fala seu próprio nome? “

**fim.**

**25/08/17**